

CHUVA NA CIDADE: TONALIDADES DO CÉU (CINZAS, BRANCOS, AZUIS E, ÀS VEZES, UM AMARELO SUAVE)

Pablo Sebastian Moreira Fernandez¹

Aguaceiro...

Uma incerteza hídrica assola os passantes destas ruas
 Nem a moça do outdoor escapa de ter sua beleza encharcada
 O vento também... atira com violência no corpo de um caminhante
 fere sua pele.
 Ele se abriga debaixo daquelas telhas.
 espera... pretende prosseguir.

A tempestade (chuvinha) vai passando, já passou.
 Ruidosa, chateada por retirar-se, sair de cena
 Intempestuosa, não fica feliz em deixar lugar para o fim de sol
 (ou para a lua e as estrelas).
 Enquanto isso, carros-barco empurram suas partes para o ralo...

Ele, após tal espetáculo, se vê em ruas
 De água, com facetas de lago, rio, charco
 Tenta agora aproveitar a calma destas... águas celestiais
 imaginando que estas o aguardam para outros percursos,
 Segue como a água por caminhos incertos, sinuosos,
 desconhecidos
 Eis que o lavar, o banhar, o benzer... se tornam deleite

O que vê nestas águas?
 O que busca com este caminhar?
 O que pretende estando a se fluir na cidade?
 Perguntem a seus pés molhados ou a sua alma úmida
 acredito que estes o entendam
 ou talvez nem queiram entender se fingindo desentendidos
 São seus cúmplices

¹ Geógrafo, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Assistente na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
 pablosmfernandez@gmail.com.

✉ Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. 68902-280. Macapá, AP.

